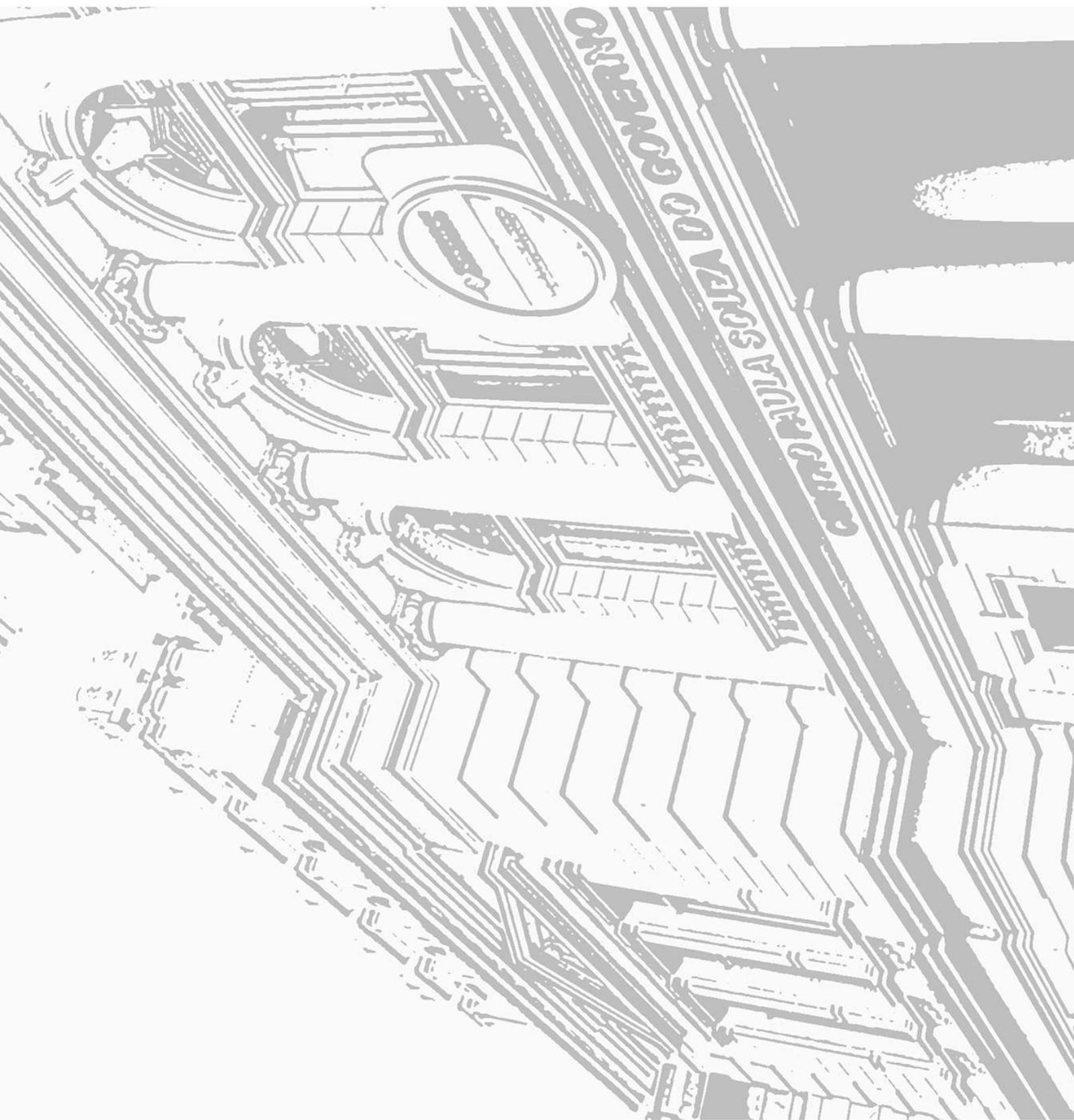


NARRATIVAS DE CURRÍCULOS, DA ARQUITETURA ESCOLAR AOS SEUS ARTEFATOS

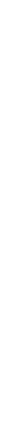


Autarquia do Governo do
Estado de São Paulo vinculada
à Secretaria de Desenvolvimento
Econômico responsável pelas
Faculdades de Tecnologia (Fatecs) e
Escolas Técnicas (Etecs) estaduais





*Narrativas de Currículos,
da Arquitetura Escolar
aos seus Artefatos*



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador

João Doria

Vice-Governador

Rodrigo Garcia

Secretária de Desenvolvimento Econômico

Patricia Ellen da Silva

CENTRO PAULA SOUZA

Diretora-Superintendente

Laura Laganá

Vice-Diretora-Superintendente

Emilena Lorenzon Bianco

Chefe de Gabinete da Superintendência

Armando Natal Maurício

Coordenadora da Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa

Helena Gemignani Peterossi

Coordenador do Ensino Superior de Graduação

Rafael Ferreira Alves

Coordenador do Ensino Médio e Técnico

Almério Melquíades de Araújo

Coordenadora de Formação Inicial e Educação Continuada

Marisa Souza

Coordenador de Infraestrutura

Hamilton Pacífico da Silva

Coordenadora de Gestão Administrativa e Financeira

Ana Paula Garcia

Coordenador de Recursos Humanos

Vicente Mellone Junior

Coordenadora da Assessoria de Inovação Tecnológica

Emilena Lorenzon Bianco

Coordenadora da Assessoria de Comunicação

Dirce Helena Salles

Cetec Capacitações

Diretora do Centro de Capacitação Técnica, Pedagógica e de Gestão

Lucília Guerra

Organizadora

Maria Lucia Mendes de Carvalho

*Narrativas de Currículos,
da Arquitetura Escolar
aos seus Artefatos*

Maria Lucia Mendes de Carvalho (org.)

São Paulo



2020

Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos

Organizadora

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Comissão Científica

Carlos Alberto Diniz

Centro de Memória da Etec Sylvio de Mattos Carvalho, em Matão

Julia Naomi Kanazawa

Centro de Memória da Etec Cônego José Bento, em Jacareí

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica, em São Paulo

Maria Teresa Garbin Machado

Centro de Memória da Etec Professor Alcídio de Souza Prado, em Orlandia

Sueli Soares dos Santos Batista

Fatec/Jundiaí e Unidade de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa, em São Paulo

Projeto Gráfico

Marta de Almeida

Diagramação

Pedro D. Opka

Capa

Marta Maria Mendonça de Almeida

Diego Pereira dos Santos

Revisão

Fernanda Mello Demai

Editoração, CTP, Impressão e Acabamento

Gráfica CS Eireli

Ficha Catalográfica

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8/7262

Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos / Maria Lucia Mendes de Carvalho (organizadora). – São Paulo: Centro Paula Souza, 2020.
464 p. : il. ; 22,5 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-87877-08-2 (Impresso)

ISBN 978-65-87877-09-9 (Digital)

1. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. 2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 3. CURRÍCULOS. 4. PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO. I. Carvalho, Maria Lucia Mendes de (org.).

CDD 370.113

SUMÁRIO

Prefácio

Almério Melquíades de Araújo 09

Apresentação

Maria Lucia Mendes de Carvalho 11

Aspectos do currículo escolar da Escola Profissional Masculina da capital durante a gestão do diretor Aprígio de Almeida Gonzaga

Camila Polido Bais Hagio 19

Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina: um olhar para o ensino de aritmética

Cleber Schaefer Barbaresco. David Antonio da Costa 39

20 anos da habilitação profissional de Técnico em Informática na Etec Sylvio de Mattos Carvalho: um olhar sobre as mudanças curriculares

Analder Magalhães Honório. Carlos Alberto Diniz 57

Para um estudo de caso no Centro Paula Souza: análise de conceitos novos da área de currículo escolar em educação profissional técnica de nível médio organizado por competências

Fernanda Mello Demai 73

Gestão escolar e construção curricular por competências: experiências no Brasil, Argentina e Peru

Ivanete Bellucci Pires de Almeida. Marcela Mendes. Gilson Rede..... 91

A arquitetura escolar centenária da Etec Dr. Júlio Cardoso em Franca (SP)

Aparecida Helena Costa 107

A sala de aula e os artefatos no curso de mecânica da Etec Pedro Ferreira Alves <i>Vagner Braz</i>	121
A arquitetura da Escola Técnica Federal de São Paulo, os modos de pensar e fazer o ensino profissional <i>Alba Fernanda Oliveira Brito. Fernanda Ferreira Boschini</i>	137
A trajetória histórica do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso <i>Joana Célia de Oliveira Borini</i>	153
O percurso do Centro de Tecnologia de Informação da Fatec Garça <i>Luci Mieko Hirota Simas</i>	181
Gerencia de la documentacion musical en la enseñanza: fundación bandolas de Venezuela (FUBANVE) <i>Gabriel Gómez-Cerezo. Jenny González Muñoz</i>	197
A contribuição docente no componente curricular Procedimentos Básicos em Enfermagem <i>Shirley da Rocha Afonso. Vanessa Ribeiro Neves</i>	211
Ensino Médio: o protagonista na evolução das escolas técnicas estaduais no século XXI <i>Fernando de Oliveira Souza</i>	233
Olhares em história oral: currículo no curso de Processamento de Dados da Fatec Ourinhos <i>Eunice Corrêa Sanches Belloti</i>	245
Escola Industrial de Jaú: da criação aos primeiros tempos (1939 – 1960) <i>Lauriberto de Jesus Bertoni Junior</i>	261

Arquitetura escolar: usos e apropriações do espaço escolar em um estudo de caso da Etec José Rocha Mendes <i>Paulo Eduardo da Silva</i>	279
O teodolito ótico mecânico como ferramenta da topografia no curso Técnico em Agropecuária de 1970 a 2014 <i>Sueli Mara Oliani Oliveira. Paulo Antonio Sacchi</i>	297
Abordagem curricular nas narrativas de história oral como contribuição para o registro histórico das práticas e dos artefatos do curso Técnico em Edificações <i>Jurema Rodrigues</i>	315
Artefatos escolares científicos representativos da história do ensino profissional paulista, diante da lei 5692/71 <i>Maria Teresa Garbin Machado</i>	341
Mestres e professores da educação profissional: formação e práticas na Escola Trajano Camargo <i>Marlene Aparecida Guiselini Benedetti</i>	357
Curso para formação de Monitor Agrícola na Escola Profissional Mista Agrícola e Industrial Cônego José Bento, entre 1950 e 1954 <i>Julia Naomi Kanazawa</i>	379
De Formação de Dietistas à Técnica em Dietética (1952 a 1965): narrativas de currículos, da arquitetura escolar aos seus artefatos <i>Maria Lucia Mendes de Carvalho</i>	393
A história oral nos estudos sobre formação docente para a educação profissional tecnológica <i>Thayssa Martins Moraes Ribeiro. Sueli Soares dos Santos Batista</i>	425

**Aprígio Gonzaga e o slojd paulista um projeto de ensino para a
formação do trabalhador paulista**

Martha Aparecida Todeschini de Assunção **437**

Sobre os autores..... **455**

PREFÁCIO

Olhando para trás e refletindo sobre os mais de cem anos da educação profissional pública de São Paulo, podemos planejar os próximos passos com mais certezas sobre suas possíveis contribuições, para a melhor qualidade dos produtos e dos serviços, base para o desenvolvimento e o bem-estar das pessoas.

As diferentes informações e análises sobre currículo, arquitetura e artefatos, relacionados à formação profissional, atual e pretérita, são relevantes para os gestores e especialistas que estejam preocupados com os rumos da educação profissional no Brasil, nos níveis médio e superior.

As narrativas desta publicação, resultado de leituras críticas de variados registros (escritos, orais, gráficos e imagéticos), revelam a importância da contribuição do professor-pesquisador, no contexto dos ensinos técnicos e tecnológico no país.

Trazer à balia as experiências curriculares e, por seu intermédio, os projetos de gestão pedagógica, desde as Escolas masculina e feminina, passando pelas Escolas mistas agrícola e industrial até os dias atuais, com a centralidade da construção e desenvolvimento dos currículos por competência, não é uma simples evocação ou recordação, mas sim um exercício de reflexão que nos permita avançar no aprimoramento da educação profissional brasileira.

Almério Melquíades de Araújo

Coordenador de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza
São Paulo, 03 de janeiro de 2020.

OLHARES EM HISTÓRIA ORAL: CURRÍCULO NO CURSO DE PROCESSAMENTO DE DADOS DA FATEC OURINHOS

Eunice Corrêa Sanches Belloti
Faculdade de Tecnologia de Ourinhos

1. INTRODUÇÃO

O artigo apresenta-se em três partes: a primeira refere-se a breve história curricular brasileira no Ensino Superior, a segunda evidencia a relevância histórica da Oralidade e na terceira estão as considerações finais. Sua primeira etapa mostra aspectos dos desafios que passam os jovens que deixam o Ensino Médio em busca de um Ensino Superior, evidencia as formas como são configurados esses desafios, no início dos Cursos Superiores de Tecnologias no país. Explora, também, a trajetória do currículo, na base inicial do Curso Superior, respaldando no pensamento de autores nesse campo, como Habermas (1990), que utiliza a teoria dos interesses, em que o conhecimento curricular é parte do conhecimento humano; também o objeto do conhecimento curricular é o conhecimento escolar, sua seleção, sua organização e sua transmissão; os interesses em controle técnico, interesses em compreensão e interesse em emancipação, são as fontes das diferenças na teoria e na prática curricular.

Algumas colocações de Domingues (1986) são usadas no artigo quando estabelece uma teoria curricular baseada em três modelos: modelo técnico-linear, em que o profissional domina o processo com a intenção de garantir o controle e maximizar o rendimento e o interesse subjacente, sendo o controle técnico; o modelo circular-consensual, que é ligado aos movimentos da comunidade escolar, envolvida no processo e a participação do profissional quando necessária em que o consenso predomina; e por fim o modelo dialógico, que produz o envolvimento de estudantes no desenvolvimento curricular, requerendo com isso o diálogo entre professores e alunos. Faz análises sobre as questões de currículo do primeiro Curso Superior Público, o curso de Processamento de Dados, que foi criado na Fatec-Ourinhos no segundo semestre de 1991, como Extensão de Campus da Fatec São Paulo.

Foram utilizados, também, dados informativos que se encontram em entrevista, em história oral e em carta do Dr. Oduvaldo Vendrametto, o quinto Gestor do Centro Paula Souza de 1989 a 1991, responsável pela criação da Fatec Ourinhos. Essa carta, datada de outubro de 2011, é escrita por ocasião do vigésimo aniversário da instituição. Ela enaltece

aspectos históricos da criação dessa extensão no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETPS), bem como da própria história da instituição.

Para levantar informações sobre o currículo, por ocasião do início das atividades da Fatec Ourinhos, é colhida entrevista, em história oral, com o primeiro Coordenador do Campus, o prof. Me Paulo Henriques Chixaro. O artigo procura investigar, em sua segunda etapa, também os olhares e as trajetórias no âmbito da Psicanálise e sua importância para o percurso das pessoas e dos seus envolvimento. Propõe evocar e levantar uma reflexão sobre esses temas, ligando-os pela técnica de pesquisa chamada história oral. Essa técnica que pode ser vista como testemunhos de vida, ou trajetória, apresenta os entrevistados relatando suas lembranças de forma livre, utilizando suas memórias para construir significados e significantes nas lembranças presentes em seus pontos de referências.

Os dois precursores da Fatec Ourinhos, donos de biografias intensas, trazem suas memórias para a instituição e extraem suas histórias, rememorando, buscando compreender as transformações e mudanças que envolvem o passado, o presente, o futuro e, assim, confiar em suas lembranças como fontes de suas subjetividades e objetividades. Nos olhares de ambos, vislumbram-se os conhecimentos sobre história, informática, tecnologias e o amor pela Fatec Ourinhos, numa captura recíproca, dos dois entrevistados, pelo desejo de saber e de evoluir de suas experiências pessoais e profissionais.

2. A BREVE HISTÓRIA CURRICULAR BRASILEIRA NO ENSINO SUPERIOR

A transição do Ensino Médio para o Ensino Superior leva os jovens a enfrentar inúmeros desafios, afirmam Soares, Almeida e Diniz (2006), a partir das mudanças do desenvolvimento humano, que acontecem no final da adolescência e no início da vida adulta, o ingresso no Ensino Superior confronta os jovens com uma série de outras provocações, como sair de casa dos pais, a separação da família e dos amigos, o convívio em um meio diferente, muitas vezes desconhecido, leva-os a tornarem-se mais autônomos, necessitam decidir quem são e o que se querem fazer das suas vidas, principalmente no âmbito escolar.

Partindo do ponto de vista acadêmico, a entrada no Ensino Superior permite aos jovens o confronto com um ambiente de ensino-aprendizagem menos estruturado, a níveis de normas, expectativas e exigências colocadas aos estudantes, que são mais brandas e ambíguas. Contudo, é esperado que manifestem mais iniciativa, independência e autonomia na sua aprendizagem, na gestão do tempo, no estabelecimento de objetivos e na definição das estratégias para atingi-los.

Os autores Soares, Almeida e Diniz (2006) colocam que não é de admirar que alguns jovens enfrentem, nesta transição de aprendizagem para o Ensino Superior, muitas dificuldades acrescidas de suas tentativas em lidar com esses intensos desafios, e que a forma como esses jovens vivenciam o contexto universitário e se adaptam a ele seja umas

das principais problemáticas em estudo junto desta população universitária, que tem sido conceitualizado como um processo complexo e multidimensional, que envolve inúmeros fatores, tanto de natureza intrapessoal, como de natureza contextual.

De certa forma, Soares, Almeida e Diniz (2006) esclarecem que estudos têm também demonstrado que a aprendizagem não é independente do desenvolvimento, e que os resultados acadêmicos obtidos pelos estudantes no Ensino Superior surgem por conta de uma diversidade de fatores que ocorrem dentro e fora das salas de aula universitárias. O processo de adaptação ou de ajustamento nesse contexto de Ensino Superior não pode ser desligado dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humanos. A teoria e a investigação dos estudos feitos pelos três autores revelam que as características que os estudantes “trazem” para a Universidade, tais como: sociodemográficas, acadêmicas, desenvolvimentistas, como aquelas relativas à qualidade das instituições universitárias em relação a infraestruturas, aos recursos, aos serviços e à interação que entre ambas se estabelece, são fatores importantes a considerar o processo de entrada no Ensino Superior.

A noção de sucesso acadêmico não se restringe à noção de sucesso escolar, tanto as dimensões da aprendizagem, como de sexo, nível socioeconômico, do tipo de residência dos estudantes, deslocados ou não de suas regiões de origem para estudarem no Ensino Superior, como a acadêmica, como as notas de ingresso na Universidade, as opções de cursos, afetam, direta ou indiretamente, os ganhos na aprendizagem e o rendimento acadêmico, bem como o desenvolvimento psicossocial no decorrer da experiência universitária.

Um forte envolvimento curricular pode conduzir a ganhos mais efetivos do ponto de vista da aprendizagem, no Ensino Superior, enquanto que um forte envolvimento nas relações com os seus pares, além de contribuir positivamente para a socialização dos estudantes universitários, também colabora para o desenvolvimento de competências interpessoais mais firmes - retirar tempo e energia para que um envolvimento mais intenso nas atividades curriculares possa ocorrer pode dificultar o processo de aprendizagem.

Os currículos dos cursos Superiores são fontes de desejos e maldições, pois inferem no dia a dia do viver universitário, levando os jovens aos mais intrínsecos aspectos das teorias motivacionais.

Moreira (2001), ao buscar a história dos currículos, informa que o período correspondente ao início dos trabalhos do desenvolvimento das teorias curriculares no Brasil é marcado pela política de Getúlio Vargas e sofre influência de teóricos de outros países, com mais destaque para os norte-americanos. Para Almeida et al (2014), é dessa época as atividades dos Pioneiros da Escola Nova, um grupo que se destaca pela preocupação em discutir a qualidade da educação no país. Essa época é marcada pelos reflexos de um delicado momento da economia mundial, e os anos de 1930 a 1937 mostram uma tentativa de construir uma democracia de bases populares, fazendo concessões à classe média e ao proletariado.

Foram sete anos de agitação política no Brasil, instalando-se o período autoritário conhecido por “Estado Novo”. Nesse espaço se situavam os Pioneiros da Escola Nova, sendo reconhecidos pela luta a favor de uma educação de qualidade para todos. Em 1938 é criado o INEP (Instituto de Educação e Pesquisa), um centro dos estudos das questões relacionadas às políticas educacionais. Em 1944, o INEP cria a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, essa revista torna-se importante instrumento de discussão não apenas do pensamento curricular emergente, mas da educação formal em geral, afirma. Em seu primeiro número, Lourenço Filho assina um artigo intitulado “Programa Mínimo”, que enfatiza a importância da elaboração de currículos e programas. (MOREIRA, 2001, p. 99)

O campo do currículo evolui com nitidez no país, a partir de uma infraestrutura mais definida; em 1952, dá-se a nomeação de Anísio Teixeira para diretor do INEP, oferecendo prioridade à elaboração de um levantamento que mapeia todo o sistema educacional brasileiro. Cria-se, segundo Moreira (2001, p.101), o primeiro livro-texto de currículo publicado no Brasil, intitulado “Introdução ao estudo da escola primária” no ano de 1955, escrito por João Roberto Moreira, que procura apresentar o estado da arte do campo do currículo, buscando a superação das incompatibilidades ideológicas divergentes. “O livro oferece um estudo histórico do currículo da escola elementar e uma análise das reformas curriculares propostas em nosso país”. Assim, a teoria curricular fundamenta-se, principalmente, nos ideais progressistas, buscando uma ênfase clara, tanto no desenvolvimento individual, quanto no bem-estar coletivo, em que a educação deve favorecer o crescimento do estudante e desenvolvimento natural, ao mesmo tempo em que favorece o ajuste do comportamento individual ao ambiente social.

Em síntese, o autor justifica que o currículo da escola primária deve ajudar a integrar o país na civilização ocidental do século XX. Quanto à organização de currículos, Moreira (2001, p. 102) propõe três princípios diretores: o atendimento às possibilidades psico-biológicas do estudante; a adequação do currículo aos interesses, problemas e atividades sociais do meio; o tratamento das matérias escolares como instrumentos de ação e não como fins em si mesmos. Esses princípios, de acordo com o autor, que sugerem um currículo centrado nas experiências do estudante, são propostos, pela primeira vez no Brasil, nas reformas dos pioneiros nos anos 1920, e são considerados como importante inovação, concomitante à necessidade de organizar as experiências em harmonia com os objetivos e as atividades indicadas para a análise da vida social, na aprendizagem. Para o autor, apesar da adesão ao currículo centrado nas atividades, existia uma certa preocupação com sua construção científica, verificando-se, nesse sentido, que o conhecimento é concebido de modo funcional, ou seja, é visto como instrumento para o comportamento, não como algo somente conceitual. A tradição curricular americana transferida para o Brasil é estudada a partir da classificação do campo do currículo utilizada por Domingues (1986). O caráter pioneiro desse trabalho, que analisa os currículos, baseia-se em outra classificação elaborada por James Macdonald (1975 *apud* MOREIRA, 2001). Nessa classificação, permite-se a inclusão de diferentes tendências e correntes curriculares, bem como pondera o fato de que uma mesma teoria pode ser baseada em diferentes interesses.

A função ideológica, de acordo com Domingues (1986), está implícita no currículo, e é importante estudar as relações entre questões curriculares e economia, estado e ideologia, poder e cultura, em vez de se voltar para técnicas de planejamento curricular. Domingues (*apud* MOREIRA, 2001) afirma que a prática curricular provoca mudanças na consciência e no comportamento das pessoas e, por consequência, na sociedade mais ampla.

O currículo ancora-se em três premissas básicas, segundo Domingues (1986); a primeira diz que ele não pode ser separado da totalidade do social; a segunda esclarece que o mesmo é um ato político, que objetiva a emancipação das camadas sociais; por fim, a crise que atinge o mundo do currículo é profunda e de caráter estrutural. A teoria curricular é baseada em três modelos: o modelo técnico-linear, em que o profissional domina o processo com a intenção de garantir o controle e maximizar o rendimento e o interesse subjacente, sendo o controle técnico; o modelo circular-consensual, que é ligado aos movimentos da comunidade escolar, envolvida no processo e a participação do profissional quando necessária, onde o consenso deve predominar; e finalmente o modelo dialógico, que produz o envolvimento de estudantes no desenvolvimento curricular, facilitando o diálogo entre professores e alunos.

Demai (2013) escreve sobre a concepção de currículo escolar no início de século XXI no Centro Paula Souza, que pode ser definida como a sistematização e o desenvolvimento de perfis profissionais, de atribuições, de atividades, de competências, de habilidades e de bases tecnológicas, organizados em componentes curriculares, a fim de atender objetivos bem delimitados.

A autora esclarece que outras definições de currículo escolar pautam o trabalho no Centro Paula Souza, tais como: currículo escolar sendo a sistematização dos conteúdos educativos planejados para um curso ou disciplina, visando à orientação das práticas pedagógicas e administrativas da escola, visando as filosofias subjacentes, as determinadas concepções de ensino, de educação, de História e de cultura, elaboradas de acordo com leis e diretrizes oficiais. O currículo escolar é um plano formal que atende às leis, decretos, pareceres e deliberações e se faz presente no processo de aprendizagem.

Em relação aos Cursos Superiores de Tecnologia (CST), esses passam a ser, quer no setor público, quer no privado, difundidos amplamente no Brasil a partir da segunda metade da década de 1990. A proposta deste tipo de ensino superior não é nova, nem é específica do nosso país, encontrando suas origens em países capitalistas, para favorecer a educação historicamente reservada à classe trabalhadora. (BRANDÃO, 2012)

A autora destaca as discussões sobre a necessidade de o Brasil modernizar-se, nas décadas de 1960 e 1970, o país passa, na ocasião por um processo de industrialização e vê-se sob pressão para caminhar em um sentido específico de modernização, sentido este relacionado aos interesses imperialistas dos EUA que já haviam se firmado como potência mundial. A modernização passa a ser entendida com base no evolucionismo econômico-social, semelhante às ideias evolucionistas europeias do século XIX, que foram úteis ao domínio colonial no mundo. Contudo, em meados do século XX, ideias vindas dos EUA

afloram: que todas as nações devem seguir os mesmos estágios de evolução econômica e social, atualizando-se. Para tal situação, alega Peterossi (1980, p.35 *apud* BRANDÃO, 2012), constitui-se um grupo de trabalho para estudar a possibilidade da criação de cursos superiores de tecnologia, que venham a atender “à demanda de uma sociedade em continuado desenvolvimento tecnológico”, “à contenção de outros graus universitários” e que “abra oportunidades ao maior número possível de estudantes”.

Como resultado deste processo, em 06 de outubro de 1969, é criado o Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo (CEETSP). Em 1970, dentre outras resoluções referentes a este Centro, o Conselho Federal de Educação (CFE) aprova os planos de curso propostos por esta instituição. Em 1973, o CEETSP transforma-se em entidade mantenedora, passa a se chamar Paula Souza (CEETPS) e a organizar seus cursos em Faculdades de Tecnologia, uma na cidade de São Paulo (FATEC-SP) e outra em Sorocaba (FATEC-SO). Em 1976, segundo dados do CFE e da Secretaria de Ensino Superior do MEC, na cidade de São Paulo, além dos cursos anteriores, havia um novo, Processamento e Dados. O curso da Extensão de Campus Fatec São Paulo em Ourinhos é oriundo desse curso. Esta instituição foi uma das poucas que manteve cursos superiores com curta duração ao longo da década de 1990, isto é, antes da reforma educacional por que passa o Brasil, a partir de 1996. (BRANDÃO, 2012)

O currículo dos Cursos Superiores de Tecnologia pauta por situações de aprendizagem voltadas ao mercado de trabalho e à atuação, cada vez mais ampla, nos processos tecnológicos. Para analisar partes do assunto desse artigo, a autora recorre à História Oral e às questões da memória e das lembranças.

3. O PODER HISTÓRICO DA ORALIDADE

Desde as décadas iniciais do século XX, estudiosos da Antropologia e da Sociologia norte-americanos fazem uso de relatos orais em suas pesquisas. No Brasil, a utilização desses relatos orais em estudos acadêmicos surge nos anos 1950; assim, as fontes orais fazem sua reentrada no campo da História, embora ainda enfrentando resistências da parte de alguns historiadores. (SANTOS, 2000)

Para o autor, os entrevistados, quando constroem suas histórias de vida, ou o relato de suas lembranças, o fazem de forma livre, sem se prenderem a um tempo, cronologicamente falando. Nas fontes orais, as narrativas são uma produção do historiador que, após a transcrição das entrevistas, as organiza em relação ao interesse de pesquisa analisada. A produção de fontes orais passa pela “recolha” de informações junto a testemunhas e, para isso, faz-se o uso de técnicas pertencentes ao universo metodológico da história oral. As entrevistas, os depoimentos, as histórias de vida são técnicas que são utilizadas há algum tempo para se conhecer os processos sociais pelo olhar daqueles que estão imersos nesses acontecimentos.

Hall (1992) afirma que todos somos um pouco menos ingênuos ao reconhecer que a história oral está longe de ser uma história espontânea - seus relatos produzidos estão sujeitos ao mesmo trabalho crítico das outras fontes que os historiadores utilizam como métodos de pesquisas.

Independentemente de suas limitações, a história oral pode ser entendida como um método capaz de produzir interpretações sobre processos históricos em função de um passado recente, que só é permitido conhecer pelas pessoas que participam ou testemunham algum tipo de acontecimento importante e notório de ser lembrado. Ao entrevistado é solicitado que rememore. Então, ele se mostra disposto a lembrar-se dos acontecimentos, das pessoas situadas em tempos e lugares diversos. Mas é o tempo presente, que é o de ponto de partida para a o início da rememoração. A lembrança aflora no tempo presente, voltar no tempo é um exercício que necessita de um constante ir e vir, as lembranças trazidas pelo entrevistado irão associar-se a outras anteriores, afirma Santos (2000).

As lembranças, diz Halbwachs (1990), são a matéria-prima dos depoimentos que se trabalha em história oral. Ela é uma “reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente”, e está preparada por outras reconstruções feitas em outras épocas passadas de onde a imagem do passado é alterada. As lembranças não vivem no passado apenas, elas precisam de um tempo presente para serem projetadas e depositadas, elas não se apresentam isoladas, se envolvem com outros indivíduos e outras situações, nas lembranças, nunca se está só. A pessoa que lembra é aquela inserida em grupos de referência, em que o passado se dá a conhecer pelas memórias.

Santos (2000) esclarece que a memória, individual ou coletiva, é necessária à atualização da percepção da realidade e torna possível a compreensão das transformações operadas na sociedade. A rememoração não traduz a existência de um dado imediato à percepção, mas trata de um ato cognitivo que uma pessoa, situada em uma posição distanciada, produz em relação às situações vividas no passado. Os entrevistados e o entrevistador constroem uma interpretação daquilo que é dado como real. Para Bosi (1987), lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.

O Dr. Oduvaldo Vendrametto foi o quinto Diretor Superintendente do Centro Paula Souza, Instituição que foi criada, de acordo com Brandão (2012), em 1969. Vendrametto gerenciou a instituição de 1989 a 1991; passou parte de sua infância na cidade de Ourinhos, estudou em escolas públicas da cidade e, ainda jovem, mudou-se para São Paulo, onde fez sua carreira acadêmica, mas jamais esqueceu da cidade que viveu sua meninice, período importante no resgate de suas memórias. (VENDRAMETTO, 2015)

De acordo com Prezoto (2009), em sua Dissertação de Mestrado, intitulada: “O Pensamento Estratégico e as Instituições de Ensino Superior Tecnológico – A Experiência do Centro Paula Souza”, a gestão do Dr. Oduvaldo Vendrametto é a que mais aborda as questões relacionadas à gestão e a formação de estratégia, das quais se destacam seis

situações: a primeira, o diagnóstico da instituição; na segunda, as ações tomadas; na terceira, a definição de missão; na quarta, o objetivo principal; na quinta, a visão pessoal sobre gestão; por fim na sexta, a definição do Tecnólogo. Seu posicionamento frente ao Centro Paula Souza é inovador e profícuo, proporcionando a abertura da Extensão de Campus da Fatec São Paulo em Ourinhos, cidade que, para o Dr. Oduvaldo, merecia ser contemplada com tal empreendimento educacional.

Sua trajetória de busca foi para dar à cidade de Ourinhos uma oportunidade importante de ter uma Instituição Superior de Ensino Público. Por ocasião do vigésimo aniversário, em outubro de 2011, da criação da Fatec Ourinhos, o Dr. Oduvaldo Vendrametto escreve uma carta ao primeiro Coordenador de Extensão de Campus da Fatec/São Paulo em Ourinhos, Prof. Me. Paulo Henrique Chixaro. Nessa carta, lida em público durante a cerimônia comemorativa, é enaltecida a fundação da instituição, afirma que a criação da Fatec Ourinhos é, antes de tudo, o resultado de uma epopeia, em que se engajaram pessoas com determinação e disposição para superar quaisquer obstáculos. Mais que o desejo, um sonho ou deslumbramento de pessoas, era “uma necessidade, uma obrigação do Estado que continua sendo colonial, em devolver à população parte da derrama que compulsoriamente lhe retira”, diz Vendrametto. Essa retribuição, que deveria se dar na forma de atendimento às necessidades daqueles que provem o poder público, só acontece de acordo com as negociações e os interesses políticos e públicos, interesse esse comentado na missiva pelo autor da mesma.

O Dr. Vendrametto (2011, p.1) rememora os primórdios da história do próprio Centro Paula Souza:

Convidado para uma audiência pública na Assembleia Legislativa em que se discutia a criação de uma nova universidade paulista baseada na estrutura do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, sob minha direção naquela época, listei vazios no Estado de instituições públicas de ensino superior, entre as quais Ourinhos. Algum tempo depois, como consequência, recebia em meu gabinete, o Prefeito Clovis, o Vice-Prefeito Toschio e o “meu” Professor Norival. Meu professor, porque estudei no Colégio Estadual Horácio Soares, e tive a honra e sorte de ser discípulo de um conjunto de professores, que com muita competência e generosidade, foram para mim e são até hoje bússola e farol. Não só me apontaram o caminho como também o iluminaram e a quem muito devo e tenho a maior saudade e orgulho.

Nesse rememorar, ele aponta momentos e nomes de extrema importância para a história e a construção da instituição: o Prefeito de Ourinhos, no ano de 1991, o Médico Clovis Chiaradia; o Vice-prefeito o Engenheiro Toschio Misato e o Assessor Educacional da Prefeitura Municipal, Professor Norival Vieira da Silva, que já foi fonte de inspiração para a escrita de partes da história da Fatec Ourinhos. (BELLOTI, 2015)

Na referida carta, o Dr. Vendrametto (2011) discorre que, a partir desse encontro, ocorrido em São Paulo, é organizado um grupo de trabalho, monta-se uma “confraria”, quando o Professor Paulo Henriques Chixaro passa a integrar a equipe, “escolhido por mim a dedo, pelas demonstrações de competência, coragem, disposição e seriedade”.

Vendrametto (2011) ainda comenta, na carta, o motivo da sua confiança no Prof. Chixaro. Um ano antes de ele ser indicado como Coordenador do “Projeto FATEC-OU”, foi desafiado a fazer um estágio de seis meses em uma Faculdade da Alemanha, onde as condições não eram das melhores, tendo como obstáculos, a dificuldade de aprender uma nova língua em seis meses, uma bolsa de estudos que mal supria as necessidades básicas no novo país, com um esforço fora do comum. O Prof. Chixaro, como teve um aproveitamento soberbo do estágio, fez amizade com colegas alemães, alguns vêm ao Brasil participar de atividades em parceria em algumas Fatecs. “A escolha não poderia ter sido melhor. A parte estrutural do projeto ficou a seu cargo, contando sempre com o incansável Prof. Norival. Reuniram-se com os técnicos do Centro Paulo Souza, montou-se o plano didático, a estrutura do curso”; também, selecionaram alguns professores para o início as atividades da Fatec- Ourinhos.

Ainda segundo o autor da carta, outra parte do Grupo de Trabalho rompe fronteiras, busca apoio político e toma providências para que a Fatec-Ourinhos tornasse realidade, como uma nova instituição de Ensino Superior Pública.

[...] Barreiras e impedimentos financeiros e legais era o que não faltava. Naquela época, acredito que isso não tenha mudado, a Fatec só poderia ser criada por Decreto do Governador”. Esse referido decreto criava a escola, alocava recursos financeiros e gerava os vários cargos para professores, diretores e funcionários nessa nova instituição [...]. (VENDRAMETTO,2011)

Os estudos feitos na época mostravam essa necessidade de um Curso, Superior Público em Ourinhos, quer pelo número de habitantes, quer pela quantidade de egressos do Ensino Médio, que pela alta arrecadação de ICMS, era o décimo sétimo município que mais arrecadava para o Estado de São Paulo.

Foram inúmeras as incursões do Prefeito Clovis, do Professor Norival e a nossa no Palácio dos Bandeirantes, nas diversas Secretarias do Governo do Estado, na Assembleia Legislativa na tentativa de que o decreto de criação da FATEC-Ou fosse editado. Cansados de bater nas portas dos políticos que davam como iminente a criação da FATEC-OU sem que isso se transformasse em realidade, e o prazo de preparação para funcionamento da escola se exaurindo, decidimos juntar esforços e dentro daquilo que legislação permitia e num lance ousado, criar a FATEC-Ou, como sendo uma extensão da FATEC-São Paulo. Isto nos dava alguma flexibilidade de contratar professores,

alguns funcionários. Por outro lado, o Prefeito, o Professor Norival, o Vice-Prefeito se mobilizam para construir um prédio que pudesse abrigar a escola. (VENDRAMETTO, 2011)

Enfim, o Reitor da UNESP na época, prof. Dr. Paulo Milton Barbosa Landin, em 14 de outubro de 1991, com o Parecer 16/91, Resolução UNESP Nº 65, autoriza o oferecimento, em caráter experimental, em Ourinhos de uma Extensão de Campus, onde funcionaria o curso de Processamento de Dados. É criada a Fatec Ourinhos, como extensão da Fatec São Paulo, para início das atividades letivas no primeiro semestre de 1992. (BELLOTI, 2015)

Após essa criação, os acertos e os benefícios que a nova instituição traz para Ourinhos e região são observados por todos. Segundo Belloti (2016), essa escola conquista o respeito e a admiração de muitos, abre oportunidades para os jovens locais e da região em uma atividade harmoniosa com o mundo moderno. Experiências didático-pedagógicas de integração e valorização de conhecimentos têm sido realizadas, sem precedentes' e sob olhares de especialistas e interessados. Com um percurso que permite ser contemplada como uma instituição de sucesso.

Destacam-se, nas paisagens reveladas até aqui, ou seja, neste percurso, a presença de várias pessoas importantes para a Fatec-Ourinhos. Com suas experiências de forma direta ou indireta, ajudam a construir a instituição, que segue a caminho de sua maturidade, e essas pessoas desenvolveram seus processos psíquicos, vivenciadas por elas, como entidades concretas, com suas cotas de influência no pensamento dessa instituição que se iniciou em 1991, desenvolvendo, assim, seu magnífico percurso. (SCHMIDT & MAHFOUD, 1993)

Em 29 de maio de 2017, a autora desse artigo faz uma entrevista para colher, em História oral, dados sobre o currículo no curso de Processamentos de Dados, instalado em Ourinhos a partir de 1991; a referida entrevista foi com o primeiro Coordenador da Extensão de Campus da Fatec São Paulo em Ourinhos, Prof Me. Paulo Henriques Chixaro, foi a primeira pessoa que gerenciou o Curso de Processamento de Dados e, depois, quando o curso deixa de ser extensão, alcançando sua autonomia, passou a ser o primeiro Diretor da Fatec Ourinhos.

Indagado sobre como surge o currículo do Curso de Processamento de Dados, ele responde:

Isso foi 1991, na época eu tinha feito estágio na Alemanha eu morei durante um ano lá, eu fui justamente para Alemanha para conhecer as "Fachhochschulen" que são as Fatecs da Alemanha, na ocasião tinha 35 de Faculdade Tecnologia enquanto nós aqui no Brasil estavam apenas com 8 e só no Estado de São Paulo não existia em nenhum outro local do país, a ideia era pegar um pouco dessa experiência das faculdades de Tecnologia da Alemanha e trazer essa experiência para o Brasil. Eu passei um ano no exterior, quando eu voltei o Professor Odulvaldo Vendrametto era o Superintendente do Centro Paula Souza. Ele tinha um desejo de ter uma Faculdade Tecnologia um

pouco mais afastada de São Paulo. Pessoas em Ourinhos também tinham o interesse em fazer uma Faculdade de Tecnologia. O curso escolhido foi o de Processamento de Dados, cuja a demanda da época era muito grande, tanto eram 80 vagas para o primeiro vestibular, 40 de manhã e 40 a noite, tivemos quase mil candidatos. Então no primeiro vestibular já deu para perceber que realmente a escolha do curso foi escolha certa e outro motivo que o curso da Fatec de São Paulo já desde 1972 era um curso bem consolidado e íamos ser aqui a extensão da Fatec São Paulo era uma cópia do curso da Fatec São Paulo, era exatamente o mesmo curso, com as mesmas disciplinas, o mesmo currículo, inclusive no primeiro momento nós tínhamos vários professores que eram da Fatec de São Paulo, com as mesmas disciplinas da Fatec São Paulo. (CHÍXARO, 2017)

O entrevistado citou vários professores que eram da Fatec São Paulo e davam aulas no campus de Ourinhos, como: Walter Paulette, Cesar Silva, Milton Damato, Aristides, Vera Lúcia Santos Camargo que, futuramente, passa a ser Coordenadora do mesmo, e outros, concursados em São Paulo e por anos vinham a Ourinhos ministrarem suas aulas, seguindo aqui os mesmos conteúdos curriculares das disciplinas, utilizando os mesmos materiais usados na capital.

Em relação ao currículo utilizado na Fatec Ourinhos, o mesmo, foi trazido da Fatec São Paulo pronto. Chíxaro afirma:

Nós inclusive não temos autonomia nenhuma para mexer em nada porque tudo era definido a nível de Congregação da Fatec São Paulo, que tinha reuniões mensais e eram definidas, aprovadas as disciplinas, os currículos desenvolvidos pelos professores. Automaticamente o que valia para São Paulo, valia para Ourinhos então isso foi até um certo problema, porque a realidade era diferente daqui com a de São Paulo (...) por exemplo na Fatec São Paulo havia estudos de informática que eram em computadores de grande porte. Se aprendia a lidar com computadores de grande porte, 370 da IBM que na época era um dos computadores mais poderosos que tinham e Ourinhos tinha algumas máquinas de calcular avançada. Os professores davam aos alunos do curso conteúdos que eram para serem aplicados em máquinas de grandes centros. A demanda, em Ourinhos, era para pequenos sistemas e sistemas controlassem uma pequena firma. Hoje é bem diferente daquela época, essas diferenças são contornadas em 1997, quando acontece a emancipação da Fatec Ourinhos.

Chíxaro discorre sobre as disciplinas da área de Matemática e seus respectivos professores, no início das primeiras turmas do Curso de Processamento de Dados, citando

professores como: Antonio Alexandre Muraro, que lecionou por muitos anos na instituição, falecido em 2016; Sidney Carlos Ferrari, que continua na instituição. Na área de Humanas, cita a autora desse artigo, Eunice Corrêa Sanches Belloti e Francisco Claudio Granja, que também permanecem no quadro de docentes da Fatec Ourinhos.

Para o entrevistado, os currículos de um curso superior em Tecnologia devem estar em constantes transformações, como ocorrem com as tecnologias, mas as mudanças são complexas e difíceis de serem consolidadas, porém, são necessárias e bem-vindas.

No decorrer do levantamento das informações para a execução desse artigo, depara-se com o percurso de vidas dos dois precursores da Fatec Ourinhos. Ao ouvir e ler os depoimentos de ambos, é cabível de percepção dos sentimentos que norteiam a vidas desses entrevistados.

Um dos sentimentos perceptíveis é o amor. Para evidenciar um pouco sobre o assunto, reporta-se a Vannucchi (2013) que, ao escrever um artigo sobre sua trajetória pessoal, na sua formação analítica, cita três expoentes da história da civilização: Platão, Sigmund Freud e Melanie Klein, figuras de importância ímpar no mundo das ideias. Platão (1972) narra em sua obra, "O Banquete" na Grécia antiga, a descrição de uma celebração do amor, ocorrida na casa de Agatão, um poeta grego da época. Para essa descrição, Sócrates usa uma sacerdotisa, Diotima, para relatar sua versão de que o amor nasce na festa de nascimento de Afrodite, de um encontro amoroso e astuto entre a Pobreza e o Recurso, filho da Prudência. Essa filiação determina a natureza do amor: sempre em estado de carência e precisão, guiado pela falta, mas ao mesmo tempo corajoso decidido e enérgico. O amor, de acordo com o texto, seria um "daimon", ou seja, um intermediário, um mensageiro, entre os homens e os deuses.

O amor difere da paixão, pois nele a libido se atenua talvez em decorrência da "passagem", do princípio do prazer ao princípio de realidade, o que implica um processo de transformação, onde surgem outros elementos como a ternura, a admiração, o cuidado etc., segundo Freud (2010).

Ainda Vannucchi (2013) alega que, para Klein (1996, p.367), o amor relaciona-se com as forças que preservam a vida, e só pode ser vivido na Posição Depressiva, pois admite a percepção da própria destrutividade, considerando os sentimentos de culpa e os movimentos de reparação para com o objeto amoroso, em que o cuidado e responsabilidade permeiam como elementos reparatórios, necessários à vida do outro e de si próprio. "Esse processo de deslocamento do amor é da maior importância para o desenvolvimento da personalidade e dos relacionamentos humanos", também para o desenvolvimento da cultura e da civilização como um todo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A força que permite ao amor ser referenciado nesse artigo passa pelo viés dos entrevistados e de suas ações para com a Fatec Ourinhos.

Para Guimarães (2004, p.15), “levar em conta o olhar permite redimensionar a questão dos limites daquilo que seria da ordem da ilusão ou da ordem da realidade articuladas [...]”, ou seja, ver não é olhar, a visão é o contexto que se desenvolve, aparece e surge o olhar, é no campo global da visão, num momento particular, o momento de fascinação que ele emerge.

O mundo em que vivemos, conforme Nasio (1995), é um mundo de imagens, quem vê não somos nós, não são os olhos do corpo. Quem vê é o eu, o eu que percebe as imagens, essas imagens se convertem na substância do eu. Os entrevistados mostram seus olhares em relação à Fatec Ourinhos, redimensionando a ordem da ilusão, para a ordem da realidade, permitindo mostrar seus próprios eus.

Afinal, o olhar é um dos principais sentidos do ser humano, sendo possibilidade de conhecer e reconhecer as trajetórias da vida e acessar a subjetividade por ele. Na forma de pensar do Pai da Psicanálise, Sigmund Freud, o olhar transpõe os limites do visível e torna-se um elemento do espaço psíquico, onde as imagens visuais percorrem um caminho passando pelas lembranças, pelas fantasias.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jeane Alves de. et al. O Desenvolvimento do Campo do Currículo no Brasil: breve relato histórico. **Revista Querubim**. Ano 10. Nº22, 2014. Disponível em: < http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/zquerubim_22_v_1.pdf#page=136 > Acesso em 09 ago. 2017.

BELLOTI, Eunice Corrêa Sanches. A Construção de Saberes e Memórias ao viés das Antigas Aulas de E.P.B. e de Eventos Culturais e Artísticos na Fatec de Ourinhos (SP). In: CARVALHO, Maria Lucia Mendes de (Org). **Coleções, Acervos e Centros de Memória**. Memórias e História da Educação Profissional. São Paulo: Centro Paula Souza, 2016, p. 274-284.

BELLOTI, Eunice Corrêa Sanches. Aspectos de Subjetivação e Memória na Criação da Extensão de Campus da Fatec/SP – em Ourinhos. In: CARVALHO, Maria Lucia Mendes de (Org). **Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico de Educação Profissional**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2015, p. 267-276.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp, 1987.

BRANDÃO, Marisa. **Cursos Superiores de Tecnologia:** Democratização do acesso ao Ensino Superior? CEFET/RJ e UFF. GT: Trabalho e Educação/ 09, 2012. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT09-2018--Int.pdf>>. Acesso em 08 ago. 2017.

CHÍXARO, Paulo Henriques. **Entrevista concedida a Eunice Corrêa Sanches Belloti**, em 29 de maio de 2017, em Ourinhos, São Paulo.

DEMAI, Fernanda Mello. O Trabalho de Laboratório de Currículo do Centro Paula Souza: Histórico e Organização. In: CARVALHO, Maria Lucia Mendes de (org.) In: **Patrimônio, currículos e processos formativos:** memórias e história da educação profissional. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013, p. 357-359. Disponível em: <<http://www.cpscetec.com.br/memorias/arquivos/curriculos.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

DOMINGUES, José Luis. **Escola e Currículo**, 1986. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?id=rJ6uA9iqWcMC&pg=PT11&dq=autor+Domingues+1986,+livro+Escola+e+curr%C3%ADculo&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwipy7fx_4nWAhUBKCYKHSuJBeKQ6AEIJjAA#v=onepage&q=autor%20Domingues%201986%2C%20livro%20Escola%20e%20curr%C3%ADculo&f=false>. Acesso em 09 ago. 2017.

FREUD, Sigmund. Os instintos e seus destinos. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. (Vol. 12). São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

GUIMARÃES, Dinara Machado. **Vazio Iluminado**. O Olhar dos Olhares. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **A crise da legitimação do capitalismo tardio**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Michael M. **História Oral:** os riscos da inocência. O Direito à Memória. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p.157-160. Disponível em: <<http://cienciaparaeducacao.org/eng/publicacao/hall-m-m-historia-oralos-riscos-da-inocencia-o-direito-a-memoria-sao-paulo-departamento-do-patrimonio-historico-1992-v-p-157-160/>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (Org). **Currículo:** Políticas e práticas. São Paulo: Papirus, 2001.

NASIO, Juan-David. **O Olhar em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.

PLATÃO. O banquete. In Platão, **Diálogos**. São Paulo: Victor Civita, 1972.

PREZOTO, Marco Anselmo de Godoi. **O Pensamento Estratégico e as Instituições de Ensino Superior Tecnológico - A experiência do Centro Paula Souza**. 2009. 205p. Dissertação (Mestrado) - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, FATEC - São Paulo. Disponível em: <<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/posgraduacao/trabalho/dissertacoes/formacao-tecnologica>>. Acesso em 06 jul. 2017.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes Oraís: Testemunhos, Trajetórias de Vida e História**. Departamento de História. Universidade Federal do Paraná, 2000. Disponível em:<<http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhotrajetoriasdevidaehistoria.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

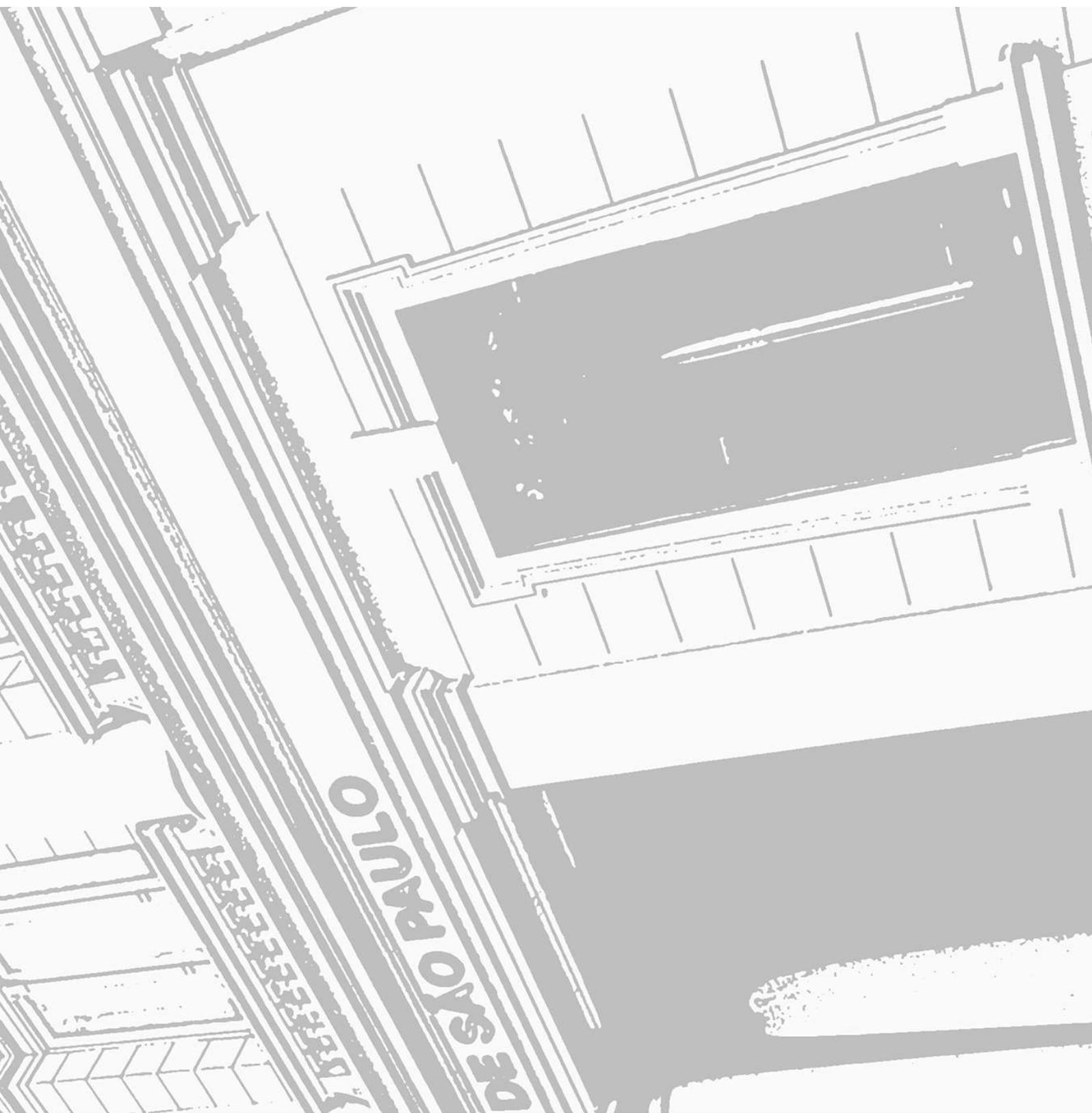
SCHMIDT, Maria Luiza Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, 4 (1/2) p. 285/298, 1993.

SOARES, Ana Paula; ALMEIDA, Leandro S; DINIZ, Antonio M. Modelo Multidimensional de Ajustamento de jovens ao contexto Universitário (MMAU): Estudo com estudantes de ciências e tecnologias versus ciências sociais e humanas. **Revista Análise Psicológica**. N.1, (XXIV): 15-27. Lisboa, jan 2006. Disponível em: < http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000100003>. Acesso em: 18 ago. 2017.

VANNUCCHI, Ana Maria Stucchi. Medo e paixão na formação analítica: uma trajetória pessoal. **Jornal de Psicanálise**. Vol. 46, N. 85. São Paulo. Jun 2013. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0103-58352013000200006>>. Acesso em 18 ago. 2017.

VENDRAMETTO, Oduvaldo **[Carta] out 2011, São Paulo [para] CHÍXARO**, Paulo Henriques, Ourinhos. 2f. Carta enviada por ocasião do aniversário de 20 anos da Fatec Ourinhos.

VENDRAMETTO, Oduvaldo. **Entrevista concedida a Eunice Corrêa Sanches Belloti**, em 19 de outubro de 2015, ocasião em que fez uma conferência na X Semana de Tecnologia em Ourinhos, São Paulo.



Para entender a dinâmica de evolução do ensino, é necessário ter o olhar voltado às transformações que ocorrem no decorrer do tempo, as origens dos cursos e as necessidades de adaptação para atender aos diferentes anseios de cada momento vivido pela sociedade. A compreensão do passado nos traz referências para a escolha dos melhores caminhos no presente.

Na obra *Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos*, o Centro Paula Souza (CPS) tem a honra de reunir pesquisadores de Escolas Técnicas (Etecs) e Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais, bem como de outras instituições nacionais e internacionais para apresentar os resultados da Jornada do Patrimônio Cultural e Tecnológico da Educação Profissional.

É possível conferir uma série de artigos sobre temas relacionados à trajetória de currículos e disciplinas de cursos de diversas áreas de conhecimento, além de históricos de formação docente e de artefatos utilizados nas práticas pedagógicas. A publicação ressalta ainda a importância dos centros de memória e das narrativas de história oral na preservação de acervos e coleções, como uma forma de incentivar o jovem a valorizar o patrimônio cultural da educação.

Estamos vivendo uma época de transformações muito intensas. A cada dia surgem novas demandas por conhecimentos. E a memória que preservamos das nossas raízes traz a segurança essencial para encararmos os desafios com sabedoria e inspiração.

Profª Laura Laganá
Diretora-superintendente
do Centro Paula Souza

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Unidade do Ensino Médio e Técnico

Rua dos Andradadas, 140 – Santa Ifigênia
01208-000 – São Paulo
Tel.: (11) 3324-3300

www.cps.sp.gov.br

CPS 50
1969-2019
Centro
Paula Souza

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de
Desenvolvimento Econômico